



## **“Sou atleta, sou mulher”: a representação feminina e as modalidades mais noticiadas nas Olimpíadas de Londres 2012<sup>1</sup>**

Carolina Bortoleto FIRMINO<sup>2</sup>

Mauro de Souza VENTURA<sup>3</sup>

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP)

### **RESUMO**

O universo esportivo é historicamente caracterizado como um ambiente masculino. Portanto, ainda que a mulher esteja em uma constante e progressiva busca por reconhecimento nesse contexto, seu sucesso como atleta aparece comumente condicionado à sua beleza e padrões físicos, assim como à fragilidade ou descontrole das emoções – implícitos na sociedade como comportamentos tipicamente femininos. Dessa forma, apesar de a presença de mulheres atuando como atletas profissionais ser crescente, elas ainda sofrem com a valorização de outros elementos em detrimento de sua indiscutível performance atlética. Neste trabalho, buscamos compreender o histórico feminino em Olimpíadas e definimos como objeto de estudo as modalidades em que as atletas brasileiras apareceram com mais evidência em Londres 2012, a fim de avaliar a exposição da mídia sobre o momento das mulheres no esporte de alto padrão.

**PALAVRAS-CHAVE:** mulher, atleta, representação e gênero.

### **Introdução**

Ainda que o esporte seja um fenômeno cuja dimensão social abrange valores culturais de diferentes grupos, a mulher tem uma trajetória de luta para se inserir nessa realidade. Prova disso é que a relevância atribuída ao esporte olímpico mundial é incontestável, mas a participação feminina ainda é um fenômeno social recente. Portanto, a inclusão foi um acontecimento gradual e semelhante ao processo de aceitação da mulher nas demais esferas da sociedade – inclusive nas consideradas áreas “masculinas” do mercado de trabalho. No entanto, a relação entre a mulher e o esporte vai muito além da sua conquista por espaço: quando se trata de representá-la, a mídia se aproxima da valorização do corpo ou de suas emoções em detrimento da técnica esportiva.

Não existiria, portanto, uma realidade favorável à mulher que atua no esporte de competição – em Jogos Olímpicos, por exemplo, é possível comparar de maneira semelhante

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho da V Conferência Sul-Americana e X Conferência Brasileira de Mídia Cidadã.

<sup>2</sup> Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, e-mail: [carolina.bfirmino@gmail.com](mailto:carolina.bfirmino@gmail.com).

<sup>3</sup> Mauro de Souza Ventura. Professor e coordenador do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, e-mail: [mauroventura@faac.unesp.br](mailto:mauroventura@faac.unesp.br)

o destaque dado às seleções masculina e feminina de futebol? Ou a dificuldade de inclusão da mulher se mantém? – é preciso lembrar que não foi apenas no futebol que a mulher lutou para se inserir. Ao se relacionar o mundo dos esportes à teoria dos campos do sociólogo Pierre Bourdieu, pode-se entender que a dificuldade de inserção feminina se deve muito ao comportamento, às configurações históricas, às dominações e às estruturas obscuras encontradas neste ambiente.

Um campo é um espaço social estruturado, um campo de forças – há dominantes e dominados, há relações constantes, permanentes de desigualdade, que se exercem no interior desse espaço - que é também um campo de lutas para transformar ou conservar esse campo de forças. Cada um, no interior desse universo, empenha em sua concorrência com os outros a força (relativa) que detém e que define sua posição no campo e, em consequência, suas estratégias. (BOURDIEU, 1983, p.57)

Dessa forma, quando considerada a definição de campo acima, o universo esportivo ainda não foi completamente visitado pela mulher, que se encontra refém de pensamentos conservadores e da representação estereotipada de sua imagem como atleta. Podemos compreender ainda o esporte como um campo autônomo, que funciona por meio de suas próprias leis e regras específicas, colocando-o em relação direta com as condições econômicas e sociais das sociedades correspondentes. (BOURDIEU, 1983, p. 137)

Para investigar esta hipótese sobre a participação feminina no esporte norteamos o trabalho sob a discussão das diferenças entre o feminino e o masculino acerca dos papéis sociais e questionamento das regras morais de conduta refletidas na prática esportiva – o que coloca em cheque a capacidade intelectual e física da atleta ao desempenhar as mesmas atividades que o homem. Escolhemos como corpus as notícias referentes à atuação da atleta brasileira nos Jogos Olímpicos de Londres (2012) veiculadas nos jornais O Estado de São Paulo (Estadão) e Folha de São Paulo durante todo o evento. Em busca de uma análise mais aprofundada, optamos por afunilar ainda mais o corpus do objeto e focar nas modalidades esportivas em que a mulher foi mais noticiada em ambos os jornais. A partir da metodologia escolhida – análise de conteúdo – foi preciso descobrir quais eram essas modalidades a partir da incidência de notícias para começar a visualizar de que maneira a mulher está inserida neste campo.

### **Histórico das Olimpíadas na Grécia Antiga**

---

A data que marca a origem de um festival esportivo nos moldes das Olimpíadas é a de, aproximadamente, 2500 a.C, na Grécia Antiga. No entanto, o termo “olímpico” ganhou significado depois de quase dois mil anos, após um acordo selado em Hera, no santuário de Olímpia. O tratado estabelecia que, durante os Jogos Olímpicos, uma trégua sagrada deveria ser respeitada em toda a Grécia, fazendo com que os soldados abandonassem as guerras e competissem lado a lado. O evento acontecia a cada quatro anos e podiam competir representantes de cidades da Grécia Antiga, que priorizavam provas de corrida, pentatlo e luta livre. Na época, as Olimpíadas estavam relacionadas a manifestações religiosas – por exemplo, os rituais de sacrifício a Zeus, identificado como progenitor dos Jogos – e funcionavam para os gregos como um instrumento de medição do tempo.

Segundo Contador, Silva e Todt (2004, p.254) ser competidor das Olimpíadas era sinônimo de honra, tanto que, para a realização das provas, o atleta se dispunha nu, a fim de transparência e lealdade aos Deuses e ao esporte. A nudez representava a exaltação ao corpo e ao comportamento heroico, enquanto a honra de quem saísse vitorioso se estendia à família e à cidade do atleta. Neste contexto, as mulheres eram excluídas – inclusive como espectadoras – e apenas da Heraea, uma competição em homenagem a Hera, a mulher de Zeus.

Ao contrário dos homens, não era atribuído à mulher o status de heroína, porque, de acordo com o pensamento da época, o sexo feminino não preenchia os principais requisitos dos heróis olímpicos: tamanho corporal, força física, habilidade e técnicas (Miragaya, 2006). Do homem eram esperadas atitudes que representassem força, competitividade e agilidade, enquanto as mulheres deveriam se restringir à vida doméstica. De acordo com Miragaya (2002), as mulheres chegaram a servir como prêmio para vencedores das corridas de biga ou charrete, o que aponta, indiretamente, a sua condição de objeto.

O esporte de competição sempre foi valorizado entre os gregos do sexo masculino e é neste momento que surge a concepção de “herói” mantida até hoje como tradição. Contudo, ao levar em conta as características físicas masculinas e outras qualidades atribuídas apenas a esse gênero para a idealização do herói olímpico, a mulher era excluída de seu reconhecimento como “heroína”. Apesar de ter durado 12 séculos, a decadência da disputa olímpica na Era Antiga se deu com a invasão dos romanos à Grécia. O imperador Teodósio decretou o fim das práticas esportivas, dos cultos pagãos e ordenou a destruição dos templos gregos. Dessa maneira, as competições ficaram adormecidas por 1500 anos e voltaram a acontecer apenas em 1896, quando Pierre de Fredy, o Barão de Coubertin, – pedagogo e historiador francês – fundou os chamados Jogos Olímpicos da Era Moderna.

## **Renascimento e consolidação dos Jogos Olímpicos**

A descoberta das ruínas do estádio de Olímpia por um arqueólogo alemão chamou a atenção de Coubertin. Segundo Contador, Silva e Todt (2002), o barão recebeu a tarefa de reformular a educação para o esporte na França e passou a viajar o mundo para se inspirar, quando esteve em contato com a pesquisa que revelou, em 1852, o antigo palco dos Jogos da Grécia Antiga. Inspirado por essa descoberta e após tomar conhecimento das ideias do inglês e também pedagogo Thomas Arnold, que utilizava o esporte como instrumento de ensino, Coubertin apresentou sua proposta de recriação dos Jogos Olímpicos ao mundo, sendo aprovada por unanimidade. Anos depois, em 1894, também surge o Comitê Olímpico Internacional (COI) por iniciativa do próprio Coubertin, com o objetivo de supervisionar o evento. Hoje, o órgão é mantido por meio de publicidade e da comercialização de artigos relacionados à competição, tendo em vista a detenção de todos os direitos sobre as Olimpíadas (marca, bandeiras, hinos etc).

Segundo Gumbrecht (2007) Coubertin revitalizou os Jogos Olímpicos por acreditar na continuidade entre os esportes da Antiguidade e os da modernidade. Entretanto, outros autores defendem a ideia de que os Jogos Modernos e seus novos elementos deveriam ser compreendidos como uma tradição inventada, já que existem muitas diferenças entre os antigos Jogos gregos e os moldes das competições atuais. Para Simonovic (2004 apud CAPRARO, LIMA e MARTINS, 2009, p.4) o barão utilizou o termo Jogos Olímpicos porque enxergava a situação como um “caráter solênico” e observou a possibilidade de institucionalizar as competições esportivas, em apenas uma tentativa de colaborar com o desenvolvimento da força nacional francesa e sua expansão colonial, não de estimular o esporte ou renová-lo.

De acordo com Colli (2004, p.43) na primeira edição dos Jogos, apenas 211 atletas de 43 países participaram, sendo que a maioria competiu de forma amadora. Não houve, também, participação feminina, fundamentada na ideia de que os Jogos eram apropriados para representar a figura masculina. Já Cherem, Oliveira e Tubino (2008, p.118) explicam que o motivo dessa proibição na Grécia Antiga era alegado por questões fisiológicas, já que a única forma de chegar ao estádio de Olímpia, local onde ocorriam os Jogos Olímpicos, era por um caminho íngreme e isso dificultava o seu acesso, principalmente à mulher.



Porém, permitir a participação de uma mulher nas Olimpíadas era conceder a ela o direito de exercer o seu papel de cidadã e essa atitude estava diretamente ligada à função de guerrear, o que explicava o porquê de a regulamentação das competições ser extremamente rígida em relação a isso. Mas com o renascimento da competição, a diretriz que impulsionou o retorno dos Jogos Olímpicos foi baseada na expectativa de fomentar a comunicação, a paz internacional e, portanto, a igualdade. Era previsto, então, que toda a nação estivesse representada no evento – negros, brancos, orientais, ocidentais, orientais, homens, mulheres, entre outros. No entanto, da mesma maneira que Coubertin foi responsável pela nova fase dos Jogos Olímpicos, resolveu mantê-los em seus moldes antigos e tradicionais, ou seja, não era permitido a qualquer mulher competir – nem aos negros, que participaram das Olimpíadas, pela primeira vez, em 1904.

Para ele, as competições exaltavam a força e a virilidade que se limitava a determinados homens, o que forçava as mulheres a competirem apenas entre si, a fim de conservar os valores pregados nas competições realizadas na antiga Grécia. No início das competições, prevaleceu a ideia de Coubertin de manter a fragilidade feminina, mas logo a premissa de que a atividade física e o “ser atleta” se restringiam ao homem, enquanto a mulher deveria manter-se dentro de casa começava a ruir. A participação feminina nos Jogos Olímpicos foi oficializada pelo COI a partir de 1919, com o fim da I Guerra Mundial. Na Europa, a luta pelo direito de ser parte do cenário esportivo continuou na medida em que a mulher conquistava uma nova posição na sociedade e tornava-se mais ativa ao garantir sua cidadania a partir do direito de voto e de posicionamento diante de assuntos de amplo interesse.

### **Londres, uma Olimpíada feminina**

Os Jogos Olímpicos de Londres aconteceram no período de 27 de julho a 12 de agosto de 2012 e foram tratados na cobertura da mídia como a competição mais feminina da História, já que as mulheres puderam disputar todas as modalidades – algo que se explica pela introdução do boxe feminino, o único que ainda era praticado apenas por homens. Nesta mesma edição das Olimpíadas, porém, o índice de atletas mulheres que brigaram por medalhas não chegou a 50%, como esperado pelo Comitê. No entanto, o fato de todas as nações presentes no evento possuírem uma delegação feminina é um avanço, se comparado aos Jogos de 1996, em Atlanta, ocasião em que apenas os atletas do sexo masculino



competiram. Em entrevista concedida ao canal esportivo SporTV, em agosto de 2012, Anita DeFrantz, que foi remadora e líder do movimento de participação feminina das Olimpíadas, classificou a conquista daquele ano como histórica e afirmou que todas as 204 delegações presentes no evento teriam mulheres capazes de inspirar outras mulheres a se tornarem atletas olímpicas, provando que os Jogos serão um campo cada vez mais visitado pelo sexo feminino.

Segundo dados oficiais do Comitê Olímpico Internacional, 34 dos países presentes nas Olimpíadas possuíam delegações com mais mulheres do que homens, inclusive potências como China e Estados Unidos, o que comprova a eficácia da linha de raciocínio seguida pela mídia ao classificar o evento como encontro esportivo mais feminino da História. Entre os acontecimentos que marcaram os Jogos de 2012 está o fato de países como Brunei, Qatar e Arábia Saudita, que negaram a participação de mulheres em Olimpíadas anteriores devido às restrições do islamismo, voltarem atrás e cederem às pressões do COI ao enviar suas representantes, ainda que em número reduzido.

De maneira geral, ao levar em conta o contexto em que foi realizada as Olimpíadas de Londres (2012), podemos considerar o evento e aquele ano como um marco no incentivo ao esporte de competição para mulheres. Os números sobre a essa crescente participação e o apoio internacional à inclusão feminina – integrando os discursos que abriram o evento aos fatos que destacaram a atuação da mulher na edição – retificam a teoria disseminada pelos meios de comunicação de que estes foram os Jogos mais femininos da História.

### **Bourdieu e a dominação masculina no esporte**

É comum observarmos na mídia diversas representações estereotipadas sobre a mulher-atleta: em algumas, ela se torna refém de sua própria condição física e se destaca pela beleza – como musa – em outras aparece apenas como reflexo de seus sentimentos e do descontrole emocional caracterizado como tipicamente feminino – explicado, inclusive, por fatores biológicos. Podemos identificar retratos equivocados sobre a mulher inclusive na relação público e esporte, principalmente no futebol: temos a torcedora que não joga, já que a prática é considerada masculina; as marias-chuteira, que não sabem nada sobre a modalidade, mas se identificam com algum jogador; ou até as que competem pela atenção do seu parceiro que acompanha todas as partidas. Portanto, ao nos depararmos com essas e outras abordagens, percebemos que o olhar sobre a combinação mulher e esporte é sempre repleto de

preconceitos e não reflete a mesma idealização com que é representado o homem atleta – comumente herói ou mito, principalmente quando se trata de modalidades individuais.

A imagem de mulheres associadas às atividades esportivas acaba condicionando o sucesso da esportista a diversos elementos que não deveriam estar acima de sua técnica. Para contextualizar esse discurso, nos referenciamos na existência de um gênero dominante, que corporifica e coisifica o indivíduo. Bourdieu constata que o corpo humano é o lugar em que se encontram as disputas de poder e a nossa primeira identificação, colocando a dominação masculina como algo eminente e relacionando-a também à questão dos gêneros, que apresentamos anteriormente.

(...) O efeito da dominação simbólica (seja ela de etnia, de gênero, de cultura, de língua etc.) se exerce não na lógica pura das consciências cognoscentes, mas através dos esquemas de percepção, de avaliação e de ação que são constitutivos dos habitus e que fundamentam, aquém das decisões da consciência e dos controles da vontade, uma relação de conhecimento profundamente obscura a ela mesma. Assim a lógica paradoxal da dominação masculina e da submissão feminina, que se pode dizer ser, ao mesmo tempo e sem contradição, espontânea e extorquida, só pode ser compreendida se nos mantivermos atentos aos efeitos duradouros que a ordem social exerce sobre as mulheres (e os homens), ou seja, às disposições espontaneamente harmonizadas com esta ordem que as impõem (...). (BOURDIEU, 2002, p. 49-50)

A interpretação do sociólogo francês sobre a sociedade sugere que todos os indivíduos sofrem com a influência de uma violência simbólica – em especial as mulheres, que são definidas como objeto igualmente simbólico – já que o poder enraizado com base no “masculino” impõe determinadas significações e faz com que elas sejam consideradas legítimas e mascarem as relações interpessoais. Por mais que apareçam teóricas feministas determinadas a condenar o posicionamento de Bourdieu, devemos pensá-lo como um conceito importante para discutir as relações interpessoais marcadas pelo gênero – e o esporte se insere nesse quadro de investigação.

Para Sayão (2003, p.122) quando passamos a ser homens ou mulheres “as construções culturais provenientes dessa diferença evidenciam inúmeras desigualdades e hierarquias que se desenvolveram e vêm se acirrando ao longo da história humana”. Porém, quando observarmos o modelo de atleta do gênero feminino idealizado pela mídia, encontramos uma preocupação em eleger no meio esportivo a profissional que se destaque e contrarie essa hierarquia masculina sugerida por Bourdieu – seja pela proximidade com os padrões



masculinos esperados no esporte (força, raça, frieza), pelo caráter sensual atribuído a mulher ou até pela trajetória emocionante (chorosa) e cheia de percalços até a sua consagração.

Porém, Bourdieu (2002) enfatiza que todas essas concepções ocorrem de maneira invisível e resultam na “formação de esquemas de pensamentos impensados”. Isso porque o indivíduo acredita estar livre para delinear suas próprias ideias, enquanto o “livre pensamento” acaba sendo influenciado por interesses, preconceitos e opiniões externas. É importante destacar que a facilidade com que os dominantes se impõem pode ser explicada pela maneira tácita como o reconhecimento dessa legitimidade aparece enraizado na sociedade. Quando se trata do esporte:

(...) podemos mencionar, de um lado, o uso social do corpo como forma de distinção entre os sexos e, de outro, a padronização das condutas e a utilização de objetos-signos a fim de retratar o que é aceito e desejável. Transpondo essas constatações de Bourdieu esmiuçadas no texto "A dominação masculina" para pensarmos o universo esportivo, podemos dizer que não é conferida a mulher - representada pela delicadeza do seu corpo, gestos e pela submissão de seus atos - uma prática legítima de esportes que possam ferir esses atributos, enquanto, a validação da masculinidade, em muitos momentos, é proporcionada pelo esporte - em especial esportes de contato, onde os elementos de virilidade são frequentemente trazidos à tona e reafirmados. (SAVINI, SOUZA E JUNIOR, 2012)

Vale lembrar que essa validação da masculinidade – violência simbólica no nosso contexto – foi muito questionada na Copa do Mundo de 2014: houve críticas a uma seleção brasileira liderada por um “capitão chorão” que se tornou bode expiatório do crucificado descontrole emocional do grupo, mas também o apoio a essa mesma característica que teve a função de tornar os jogadores dentro de campo mais “humanos” aos olhos da arquibancada. Não fosse a derrota histórica para a Alemanha na semifinal, tais atitudes – comumente relacionadas ao comportamento emotivo feminino – teriam tido um destaque ainda maior, mesmo que o choro diante das câmeras continue sendo algo raro e explorado negativamente por algumas mídias.

(...) O problema é que, machistas como são, muitos torcedores exigem que os jogadores sejam “machos”, “masculinos” e “viris”, que sejam verdadeiros blocos de concreto que jamais demonstram insegurança e sensibilidade. Para eles, demonstrar sentimento daquele modo é coisa de gente “desequilibrada emocionalmente” ou “coisa de mulher”. Muita gente acha que os homens da seleção brasileira precisam aparentar frieza, pois assim vão provar segurança. Outras pessoas acham que há a necessidade de mais

“agressividade”, para que os adversários acabem intimidados. (...) Quem acredita que frieza e agressividade são equivalentes a masculinidade está apenas reproduzindo a cultura da brutalidade, da competitividade violenta e da falta de empatia pelo outro, uma exigência social que acaba machucando também os próprios homens. (por Jarrid Arraes, publicado na Revista Fórum, 2014)

Quando olhamos para a sociedade como um todo, assistimos a um povo que reproduz discursos carregados de preconceitos, principalmente quando se trata de permitir à mulher adentrar territórios considerados masculinos e reconhecer nos homens características ditas femininas. Porém, podemos apontar no esporte algumas diferenças entre as diversas modalidades que compõem as competições esportivas – visto que cada uma delas foi incorporada à vida cotidiana da mulher de forma diferente. Ou seja, observamos algumas mais receptivas às mulheres, enquanto outras se mostram mais resistentes. Mas vale destacar aqui que essa violência simbólica já definida anteriormente faz com que a maioria das atletas incorpore as categorias do ponto de vista masculino de forma natural, impulsionando-a a se equivaler da função do homem, muitas vezes na tentativa de superá-los – até mesmo em outros segmentos da sociedade. (BOURDIEU, 2007)

Apresentadas nossas reflexões sobre a relação dos estudos de Pierre Bourdieu com a representação feminina no esporte, gostaríamos de ressaltar que o objetivo deste trabalho não é esgotar o debate sobre o papel da mulher nesse ambiente, mas sim promovê-lo de uma maneira que seja possível buscar caminhos para diagnosticar sua imagem como atleta hoje, além de compreender a influência da mídia nesse diagnóstico. É importante lembrar que a teoria criada pelo sociólogo não prevê mudanças para a realidade que tratamos aqui. Então, fica o desafio: como quebrar e desmistificar a dominação masculina e desincorporá-la de nosso inconsciente se ela parece ser intrínseca ao ser humano?

### **Percurso metodológico**

Para investigar de que maneira foi construída a imagem da mulher-atleta brasileira é importante que o olhar em direção à cobertura feita sobre as Olimpíadas de Londres (2012) seja guiado por uma metodologia capaz de compreender o texto para além de uma leitura comum. Segundo Bardin (1977, p. 16) a análise de conteúdo é um conjunto de técnicas que não se trata apenas de um instrumento, mas de um leque de possibilidades de interpretações



diferentes, porém adaptáveis ao campo e ao objeto da comunicação. Dessa forma, optamos por utilizar este método, que ajudará a reinterpretar e compreender as mensagens ocultas nas notícias definidas como *corpus*.

A presente pesquisa, inicialmente, definiu como amostra as notícias gerais publicadas sobre a atuação de mulheres brasileiras durante as Olimpíadas de Londres (2012) nos jornais O Estado de São Paulo e Folha de São Paulo. Mas para valorizar uma análise mais criteriosa e aprofundada, optamos por focar no estudo das modalidades mais noticiadas por esses dois veículos. Por fim, totalizamos 80 notícias e sete modalidades como objeto final, sendo que o esporte com mais incidência em ambos os jornais foi o vôlei. Além dele, as outras modalidades com maior número de notícias são: futebol e handebol (no jornal Folha de São Paulo), e basquete e judô (no O Estado de São Paulo).

A primeira leitura do *corpus* teve o objetivo de identificar os possíveis rumos da análise. Portanto, o ponto de partida foi questionar de que forma a mídia se propõe a retratar a personagem feminina no esporte de competição: o que é levado em conta na construção da imagem da mulher e como o resultado dessa abordagem se relaciona a questões comuns à sua presença em outras esferas da sociedade, como família, trabalho ou padrões subentendidos? O momento vivido pela atleta ou equipe na competição (vitórias e derrotas) influencia nesse retrato de forma positiva ou negativa? Existem variações na representação das atletas de cada modalidade?

Dessa forma, ao investigar o pensamento da mídia diante das perspectivas apresentadas, procuramos relacionar alguns fatores à construção do perfil idealizado da mulher – que também de manifesta claramente no ambiente esportivo – e transformá-los em categorias de análise. São eles: fator emoção, fator técnica, fator gênero e fator estereótipo que, como categorias, tornam-se responsáveis por auxiliar na observação dos dados. Definidas as categorias de análise, estabelecemos as unidades representativas (sintaticamente) do *corpus* segundo os critérios relacionados aos fatores e identificamos quais deles são os mais recorrentes na representação da mulher-atleta nas notícias a respeito dos esportes definidos anteriormente como *corpus*. Inicialmente, desconsideramos as unidades representativas presentes nos títulos e linhas finas, analisando apenas o corpo do texto. Nele, alguns dos termos encontrados foram: no grito, damas, conflituosas, estrelas, pupilas, toque-feminino, bate-boca, delicadeza (na Folha de São Paulo), e eufóricas, superpoderosas, indisciplina, equilíbrio, personalidades (no Estado de São Paulo). Lembrando que, além do vôlei, do basquete, do judô, do futebol e do handebol, o boxe, por sua vez, foi analisado como um todo,

por não ter sido incluído no perfil das principais modalidades, mas sim como modalidade-chave das Olimpíadas de 2012. Abaixo, falaremos dos resultados parciais encontrados nessa primeira análise.

## Resultados parciais

Depois de calcular a frequência dos fatores já definidos previamente, foi possível traçar algumas ideias iniciais sobre a representação da atleta brasileira em cada modalidade nos jornais escolhidos como objetos de análise, que foram apresentadas abaixo.

### • Folha de São Paulo

Modalidade	FE	FT	FG	FO
Vôlei	43%	20%	7,6%	29,2 %
Futebol	25%	37,5%	0%	37,5%
Handebol	4%	60%	8%	28%
Boxe	3.3%	26,6%	33,3%	36,6%

### • O Estado de São Paulo

Modalidade	FE	FT	FG	FO
Vôlei	31,8%	31,8%	7,5%	28,7%
Basquete	26,3%	39,4%	2,6%	31,5%
Judô	30,9%	14,5%	23,6%	30,9%
Boxe	13%	52,1%	21,7%	13%

Na Folha de São Paulo, o fator emoção aparece com 43%, enquanto no Estado de São Paulo a mesma categoria apresenta 31,8%, empatada com o fator técnica. Mas ao observar a abordagem escolhida pelos dois jornais – considerando as unidades de texto como um todo – é possível diagnosticar a carga emotiva presente nas notícias de ambos, principalmente na Folha, em que o fator técnica tem frequência de 20%, ficando na frente apenas do fator gênero. O futebol – segunda modalidade mais noticiada na Folha de São Paulo – surge com 0% de frequência no fator gênero. O resultado surpreende se levarmos em conta outras publicações sobre o esporte, que normalmente fazem comparações entre as equipes feminina e masculina.

No entanto, há um empate entre os fatores técnica e estereótipo – com 37,5% – o que evidencia a valorização da atleta como profissional sem deixar de lado a subjetividade em relação à sua performance. O handebol aparece como terceira modalidade que mais foi notícia e se destaca pelo contraste do fator técnica – com frequência de 60% – comparado aos outros fatores observados. A segunda modalidade mais noticiada no jornal O Estado de São Paulo foi o basquete e também aparece evidenciando o fator técnica com 39,4% de frequência.

O desempenho da equipe foi bastante criticado ao longo das Olimpíadas, trazendo à tona justamente as dificuldades técnicas da equipe dentro de quadra. Por sua vez, o judô, que aparece em terceiro lugar na quantidade de notícias veiculadas, foi a modalidade que apresentou menor percentual no que diz respeito à técnica – com 14,5% – e empatou nos fatores emoção e estereótipo, índices com frequência de 30,9%. Quando se leva em conta a realidade deste esporte no Brasil e os preconceitos que o qualificam como prática masculina, podemos justificar tais resultados. Outro ponto a se considerar é o índice de 23,6% no fator gênero, que só aparece maior no boxe.

Por fim, calculamos a frequência de cada fator no boxe – tanto na Folha de São Paulo, quanto no Estadão – e encontramos resultados bastante diferentes. Ainda que em ambos os jornais a técnica tenha aparecido com números elevados – 26,6% e 52,1% respectivamente – o fator emoção é praticamente nulo na Folha e a frequência concentra-se primeiramente no fato estereótipo, depois no gênero, o que sugere uma representação carregada de subjetividades. Já no segundo periódico os fatores emoção e estereótipo aparecem empatados com 13%.

### **Algumas considerações finais**

Segundo Koivula (1999 apud. KNIJNIK e SOUZA, 2004) na maioria das vezes a cobertura televisiva dá a impressão de que a performance de mulheres é menos importante e menos interessante comparada a dos homens. Em nossa pesquisa, tentamos ir além dessa afirmação e identificar em outras mídias de que maneira é feita a representação dessa mulher-atleta brasileira nas modalidades que compõe o maior evento esportivo mundial que são as Olimpíadas. Como ter a compreensão de todas elas requeria um estudo maior e mais amplo, optamos por observar os esportes mais noticiados pela mídia – levando em conta a quantidade de textos presentes em dois jornais de grande circulação no país.



Inicialmente, percebemos que o mais apropriado seria analisar cada modalidade separadamente, já que todas possuíam uma história particular dentro do cenário esportivo brasileiro. Nessa ocasião, pudemos compreender que a maneira como os esportes são incorporados pela sociedade reflete a forma com eles são retratados pela mídia e vice versa.

Por exemplo: o futebol, o basquete, o judô e o boxe são apropriados pelas escolas como práticas masculinas, enquanto o vôlei e o handebol são incluídos como esportes femininos na grade de aulas de educação física. Esse pensamento acaba influenciando o surgimento de ideias pré-concebidas sobre cada modalidade, como se umas fossem apropriadas para mulheres e outras não.

Pensando em considerações gerais, concluímos que a busca da mulher por espaço no ambiente esportivo se dá de maneira única a cada modalidade e ocasião. Isso varia de acordo com a história dos esportes, das personagens-atletas presentes neles e principalmente da campanha desenvolvida ao longo do evento esportivo noticiado. No caso das Olimpíadas, temos um grande espaço para uma busca por legitimação, ainda que essa caminhada seja dificultada por valores pré-adquiridos nas relações entre o indivíduo e a sociedade.

### **Referências bibliográficas**

ALONSO, L.K. **Esporte, imagem corporal e exploração de mídia**. III Fórum de Debates Sobre Mulher & Esporte: Mitos & Verdades. São Paulo, p.96, 2004.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BOURDIEU, P. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

\_\_\_\_\_. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

\_\_\_\_\_. **O poder simbólico**. Tradução Fernando Tomaz (português de Portugal) – 6 ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. 322p.

\_\_\_\_\_.; MARTINS, C.J; LIMA, M.A de. **Olimpíadas modernas: história de uma tradição inventada**. Rev. Pensar a Prática, p. 4, 2009.

CHEREM, E.H.L; OLIVEIRA, G. TUBINO, M.G.B. **A inserção histórica da mulher no esporte**. Editora Universa. Revista Ciência e Movimento, v.16, p. 118, 2008.

COLLI, E. **Universo olímpico uma enciclopédia das olimpíadas**. São Paulo: Códex, p.43,2004.

DEVIDE, F.P. **Gênero e mulheres no esporte: história das mulheres nos jogos olímpicos**. Ijuí: Editora Unijuí, p. 88-89-98, 2005.



---

GUMBRECHT, H.U. **Elogio da beleza atlética**. Ed. Cia. Das Letras. São Paulo, 2007.

INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE. The Promotion of Women in the Olympic Movement. IOC policy and initiatives. Lausanne: Department of International Cooperation/IOC, 2009.

\_\_\_\_\_. Women in the Olympic Movement: key figures. IOC policy and initiatives. Lausanne: Department of International Cooperation/IOC, 2012.

LOURO, Guacira Lopes . **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997. 179p.

MIRAGAYA, A. **A mulher olímpica: tradição versus inovação na busca pela inclusão**. Fórum Olímpico. Rio de Janeiro, p.3, 2002

RUBIO, K. SIMOES, A. C. **De espectadores a protagonistas a conquista do espaço esportivo pelas mulheres**. Rev. bras. Mov. ano V, nº 11, 1999.

SAYÃO, Débora Thomé. **Corpo, poder e dominação: um diálogo com Michelle Perrot e Pierre Bourdieu**. In: Revista Perspectiva, v.21 n.01, jan/jun 2003. Editora da UFSC: NUP/CED. Florianópolis.

SIMÕES, A.C (org). **Mulher & esporte: mitos e verdades**. Editora Manole. São Paulo, 2003

SOARES, G. A. D. **A mulher nas Olimpíadas**. *Ciência Hoje*. n.8, v.43, 1988.

\_\_\_\_\_.C, KIJNIK, D., MACEDO, L.L. **O ser mulher no esporte de competição: a busca dos limites no esporte de rendimento**. Revista virtual EFArtigos - Natal/RN – v.3, n.5, julho/2005. Disponível em: <http://efartigos.atspace.org/otemas/artigo53.html>. Acesso em 4 de maio de 2013.

TURINI, M. DACOSTA, L. **Coletânea de textos em estudos olímpicos**. Rio de Janeiro: Editora Gama Filho, 2002. ISBN 85-7444-033-7